Carnaval deve ser politicamente correto?

NÃO

Marchinhas não são ofensivas

PEDRO ERNESTO ARAÚJO MARINHO

Surgiu no pré-Carnaval deste ano uma discussão, motivada pelas tendências do politicamente correto, a respeito de algumas marchinhas de Carnaval compostas nas décadas de 1930 a 1960.

Fica a pergunta: quem tem razão nesse debate? Os que tocam e cantam a plenos pulmões nos folguedos de momo ou aqueles que acham as marchinhas preconceituosas?

No alto dos seus 99 anos, o bloco Cordão da Bola Preta, um dos grandes responsáveis pela perpetuação do vasto repertório carnavalesco, jamais entrará nessa onda de vetar músicas, sob pena de ferir mortalmente a festa mais popular do nosso país.

A maioria das ditas "modinhas carnavalescas" foi lançada nas famosas temporadas de pré-Carnaval do Bola, que começavam no primeiro sábado após o Dia de Finados e se estendiam até o "Sábado da Vitória", que hoje é conhecido como o "Sábado das Campeãs", ocasião em que as escolas campeãs do desfile voltam ao sambódromo.

Por isso o Cordão da Bola Preta foi consagrado como o Quartel General do Carnaval.

Na nossa visão, as letras dessas músicas não representam nenhuma forma de incentivo ao preconceito contra quem quer que seja.

Muito pelo contrário. Quando foram compostas, tinham o cunho de elogiar, de engrandecer os personagens retratados em seus versos.

Vejam o caso do "O Teu Cabelo Não Nega". Foi criada com o objetivo de homenagear a beleza da mulher mulata.

Nunca vi alguma mulher se sentir ofendida por essa música. Na trajetória quase centenária do Cordão da Bola Preta, nunca houve qualquer conotação de preconceito ou de diminuição da mulher mulata.

"Cabeleira do Zezé", outra música acusada de estimular preconceito, foi lançada na temporada de pré-Carnaval do Bola no final de 1963.

Os compositores João Roberto Kelly e Roberto Faissal tinham o objetivo de homenagear um garçom de nome Zezé, um cidadão de longa cabeleira, algo muito comum naquela época, quando os Beatles eram os maiores ídolos da música.

Há uma outra observação importante a ser feita —o linguajar era outro na época em que todas essas músicas hoje criticadas foram lançadas. É muito equivocado julgar essa produção musical por padrões morais de hoje.

Uma das premissas do Cordão da Bola Preta é prezar pela liberdade no Carnaval. Deve ser respeitada a opinião de blocos e bandas que não desejam incluir as referidas músicas em seus repertórios.

Nosso bloco, no entanto, continuará tocando todas elas. O motivo é bem simples: os foliões amam essas músicas de paixão.

Existem situações no nosso cotidiano muito mais preconceituosas e desrespeitosas do que as inocentes marchinhas.

Se a norma agora for regular o Carnaval pela ideologia do politicamente correto, é melhor nem ter mais a folia. Será então um outro tipo de comemoração.

O Carnaval é o Carnaval justamente por ser politicamente incorreto, livre de qualquer ideologia. Nosso bloco só se mantém há tanto tempo por ser irreverente.

A única regra que deve valer nos dias de festa momesca é o respeito ao próximo, o respeito ao patrimônio público.

Dito isso, devemos saudar todos os nossos compositores de Carnaval. A eles devemos a alegria que será farta nos próximos dias.

PEDRO ERNESTO ARAÚJO MARINHO, aposentado, é presidente do bloco Cordão da Bola Preta desde 2007

Lívia Serri Francoio

SIM

É mau hábito pisar no calo de quem já sofre

THIAGO FRANÇA

Chega por e-mail o aviso do jornalista Tárik de Souza: na marchinha "O Teu Cabelo Não Nega", o "não pega" do verso "mas como a cor não pega, mulata" tem o sentido de "não pega nada, não importa", o que dá à música um sentido antirracista, ao contrário do que eu interpretava. Pode ser.

Enquanto parte do movimento negro luta contra o termo "mulata", Nei Lopes defende sua origem no latim "costurar para unir".

No trabalho hercúleo de "desobjetificar" a mulher perante a sociedade, muita gente aplaudiu a Globeleza vestida, ao mesmo tempo em que ouço de uma senhora negra que o trabalho de mulata lhe trouxe dignidade —"era isso ou trabalhar em casa de família".

Mais ainda, leio que a preparadora de passistas da Portela afirmou que mulata é profissão, não importa a cor. O debate toma ares acadêmicos, recheado de termos e conceitos —"problematizar", "lugar de o campo da tradição, mais dúvidas vêm à tona. Penso no cineasta espanhol Luis Buñuel e em sua máxima, "A tradição é uma estátua que anda". Acredito muito nisso.

Nossa verdadeira vocação é criar, renovar, dialogar com nosso tempo, contar nossa própria história, como se dispõe a fazer o bloco que criei, Espetacular Charanga do França. Em comparação a tudo isso, pisar no calo de quem já sofre o ano todo é apenas um mau hábito; deixar tudo como está é papel do conservadorismo, não da tradição.

A interpretação ao pé da letra do verso "mas como a cor não pega, mulata", dos irmãos Valença, compositores do refrão que recebeu estrofes do genial Lamartine Babo, causa incômodo a muita gente, motivo que levou alguns blocos, o meu entre eles, a excluir a marchinha do repertório carnavalesco.

Muitas músicas são deixadas de lado por inúmeros motivos, o que deveria ser visto com bons olhos: ao música é apenas um quitute estético dentro da luta diária —vide eu, homem branco, falando sobre racismo no jornal.

Uns acham tudo isso bobagem, tratam racismo e assédio como "lendas urbanas"; outros sentem na própria pele o ano inteiro. O Carnaval, além de festa, é também um grande laboratório social, um momento de fomentar ideias e aprofundar debates.

Não me convence essa visão da cultura apenas como entretenimento, esse lugar inócuo da arte que não incomoda e não provoca.

Uma obra de arte não traz em si verdades absolutas, apenas aquilo que cada pessoa consegue decupar, seja sua ferramenta emocional ou intelectual. A interpretação dos símbolos varia, inevitavelmente, para cada um, com base em suas próprias experiências.

Para uma questão tão profunda, não há resposta binária certa ou de-

Eliseu Padilha

O governo Temer mentiu ao afirmar que não houve caixa dois nem entrega em dinheiro a pedido do presidente. A confissão do amigo dele e ex-assessor da Presidência, José Yunes, de que recebeu, sim, um pacote, a pedido do ministro Eliseu Padilha, confirma o que já havia sido delatado por executivos da Odebrecht. Essa mentira confessa seria suficiente para derrubar o governo de Michel Temer, fosse o Brasil um país minimamente sério ("Amigo de Temer diz que recebeu 'pacote' a pedido de Padilha", "Poder", 24/2).

MÁRIO BARILÁ FILHO (São Paulo, SP)

★

Mais uma prova da forte ligação entre Michel Temer e Eduardo Cunha. Quanto ao Eliseu Padilha, um dos três mosqueteiros do presidente, ele faria bem ao país caso pedisse demissão.

EDELSON BESERRA RESENDE (Brasília, DF)

Serraglio na Justiça

Lamentável a escolha do presidente da República ("Nomeação de Serraglio para Justiça gera reação no PMDB", "Poder", 24/2). O governo é medíocre e sempre o será. Deveria, já que é para desmoralizar, convidar o senador Renan Calheiros para ser ministro da Justiça.

RUBENS SCARDUA (Mogi Guaçu, SP)

★

O futuro chefe da Polícia Federal diz para o presidente da República que quer manter distância da Lava Jato justamente no momento em que vários integrantes do PMDB são citados na Operação Blackout. O ministro da Justiça não teria que apoiar explicitamente a Lava Jato? Osmar Serraglio, ao ser nomeado, diz: "Tô fora!". Seria caso de prevaricação? É muita ousadia vinda justamente de deputado do Paraná ("Novo ministro promete ficar distante da Lava Jato", "Poder", 24/2).

B. GALEANO (Belo Horizonte, MG)

★

Com a feliz escolha do deputado federal Osmar Serraglio, que prima pela honradez e pela competência, estamos vendo alguma luz no fim do túnel. O Ministério da Justiça está em boas e decentes mãos, e o país só se beneficiará disso.

DOUGLAS JORGE (São Paulo, SP)

★

É conversa fiada do deputado Fábio Ramalho que ele está defendendo Minas Gerais ao romper com o governo de Michel Temer. Na verdade, ele quer é aumentar a sua influência política, considerando que é vice-presidente da Câmara. Mas isso é o PMDB, nada sacia o partido. Dizer que vai trabalhar para derrotar os projetos de interesse nacional, para contrariar o presidente, é de uma falta de patriotismo lamentável.

MANOEL PASSOS (Brasília, DF)

★

Concordo com quase todas as observações do colunista Bernardo Mello Franco ("O novo senhor Justiça", "Opinião", 24/2), exceto com a de que Eduardo Cunha é o "alvo mais notório" da Operação Lava Jato. Evidentemente o alvo mais notório é outro, que anda livre e despreocupado por aí, falando o que bem entende sobre tudo e sobre todos.

DALTON MATZENBACHER CHICON (Florianópolis, SC)

Saneamento

Conclusões dos artigos sobre saneamento publicados na **Folha**, dois de Capobianco e dois meus: (a) o lucro da Sabesp é integralmente reinvestido na melhoria do serviço, dentro dos limites legais; b) a parte do leão, abocanhada por impostos federais, teria melhor destino se fosse reinvestida; (c) nossas tarifas são em geral baixas se comparadas com a dos países desenvolvidos e vice-versa quando divididas pelas correspondentes rendas médias. Por isso o saneamento no Brasil ainda não é universalizado.

JERSON KELMAN, presidente da Sabesp (São Paulo, SP)

★

No artigo "Saneamento, custo versus eficiência" ("Tendências/Debates", 24/2), o biólogo João Paulo Capobianco, ao exigir mais eficiência da Sabesp, afirma em conta enviesada que os valores nominais de tarifa de esgotos pagos pelo paulistano com relação a sua renda média correspondem a duas ou a quatro vezes o que pagam um cidadão nova-iorquino ou um parisiense. Mas o fato é que, em valores absolutos, as tarifas de esgotos não conseguem cobrir os custos relativos à coleta e tratamento, razão principal do deficit do saneamento em nosso país.

JOSÉ EDUARDO W. DE A. CAVALCANTI, engenheiro (São Paulo, SP)

USP

O editorial "Responsabilidade na USP" ("Opinião", 24/2) omite que o governo estadual pressiona para a abertura de novos campi e cursos, exclui valores da base de cálculo do ICMS e descumpre acordos de repasse referentes às expansões e auxílios para permanência de alunos carentes. Assim, a enunciada falta de responsabilidade das três universidades paulistas com o orçamento deve ser compartilhada com o governador e deputados estaduais.

MARCUS VINICIUS MALTEMPI (Rio Claro, SP)

★

Em suas notas e editoriais, a **Folha** se esquece —penso que propositalmente— de lembrar ao leitor que as universidades estaduais, sobretudo a USP, receberam milhares de alunos novos enquanto o repasse estadual continuou o mesmo.

SUELY QUEIROZ (São Paulo, SP)

★

O editorial levanta uma importante discussão que deve ser feita de forma transparente. Será que vamos resolver o problema fechando as creches, responsáveis por 0,51% do orçamento da USP de 2016? Ou será melhor rediscutir o repasse que não aumentou, apesar de a universidade ter crescido com a inclusão da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (USP-Leste) e da Escola de Engenharia de Lorena, e cortar o excedente dos supersalários que são maiores do que o do governador e, portanto, estão fora da lei?

ISABELLE C. S. DE CASTRO (São Paulo, SP)

Dérbi

Incrível a magia que envolve um clássico Corinthians x Palmeiras. A comoção na cidade lembra final de campeonato, ainda que seja só um jogo pelo estadual. Pena a torcida única, o horário, a não profissionalização da arbitragem etc. ("Árbitro que errou no clássico ficará sem apitar jogos da CBF", "Esporte", 24/2).

CLÁUDIO FERREIRA (São Paulo, SP)

» LEIA MAIS CARTAS NO SITE DA FOLHA - www.folha.com.br/paineldoleitor/

» SERVIÇOS DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: saa@grupofolha.com.br
0800-775-8080 Grande São Paulo: (11) 3224-3090